

POLÍTICA X ECONOMIA

É evidente que a confusão política está freando e retardando uma possível recuperação econômica que, em princípio, depende fundamentalmente da aprovação do projeto de Reforma da Previdência Social. A oposição ao Governo Temer, especialmente os políticos de esquerda, está visivelmente apostando no “**quanto pior melhor**”. É por aí que o PT pensa voltar ao Poder, agora liderado por José Dirceu em parceria com Lula.

Em recente Reunião do Diretório Nacional do PT, disse Lula que

“Pensávamos o Brasil para 2022, mas não conseguimos construir nosso projeto... Tudo que construímos – o direito de greve, as conquistas sociais no trabalho – **eles** estão desmontando ... Não podemos aceitar que façam o ajuste em cima daqueles que são as maiores vítimas dos erros do Governo, os trabalhadores. Agora, **eles** estão desmontando o nosso País.”

Para quem se preocupa com o bem estar do País, é importante recordar o que foi a administração pública no Governo PT/Lula/Dilma que deu origem à Lava Jato e às delações premiadas com dezenas de prisões de executivos, empresários e políticos.

Ao consagrar-se vitorioso na CCJ – Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, que recepcionou a denúncia formulada pelo Procurador Geral da República Rodrigo Janot, o Presidente Michel Temer, a despeito das críticas pelas manobras realizadas, revelou uma grande capacidade de liderança e de prestígio junto às bases políticas.

A denúncia segue para votação em plenário no próximo dia 2 de agosto.

O QUADRO ECONÔMICO

A economia brasileira, hoje, é como um “barco encalhado”, e o setor político, de um modo geral, vem colocando mais cargas a bordo. Alguma coisa é preciso ser feita. É mais lógico fazer alguma coisa, do que não fazer nada.

O Presidente Temer assumiu com enorme disposição para consertar a casa das máquinas e desencalhar o barco. O que podemos fazer? Podemos fazer uma campanha de condenação dos muitos responsáveis por todos os desastres e, ao mesmo tempo, uma demonstração de apoio e cooperação aos poucos que estão empenhados na tarefa de recuperação. Atualmente, importa menos o destino de Temer do que a manutenção da equipe econômica comprometida com o Programa de Reformas.

Alguém já comparou a situação do País com a de um doente que tomou overdose de remédios errados, caiu em anemia profunda e foi parar no CTI. Agora, precisa de uma transfusão de sangue, que corresponde ao pacote de medidas que o Governo está apresentando ao Congresso Nacional.

Podemos ser contra? Podemos. Mas necessariamente temos que admitir que, negando nossa cooperação, vamos ficar também responsáveis pela falta de solução.

O GOVERNO TEMER

A crise político-econômica teve origem na assunção ao poder pelo PT-PMDB, que promoveram o aparelhamento do Estado, com o objetivo de fraudar e apropriar-se de enorme soma de recursos desviados da Petrobras, do BNDES e outras instituições públicas. De um lado, a operação Lava Jato teve o grande mérito de dar um basta nessas distorções e ilegalidades, julgando e condenando os principais responsáveis, em processos que ainda não chegaram ao fim.

De outro lado, temos a resistência das grandes corporações de políticos, funcionários públicos, empregados e empregadores que se apropriaram de fartos privilégios e direitos “mal adquiridos” e, hoje, se recusam a aceitar qualquer reforma ou mudança capaz de corrigir as distorções. Veja-se o caso, por exemplo, dos projetos de reforma trabalhista e da previdência social, que estão sendo deformados, sob argumentos injustificáveis dos privilegiados de plantão.

Já se disse aqui neste espaço que o grande mérito do Presidente Michel Temer foi **desaparelhar** o Estado, nomeando pessoas preparadas e reconhecidamente honestas para dirigir as grandes empresas estatais, como a Petrobras, a Eletrobras, o BNDES, o Banco do Brasil e outras instituições públicas.

ATIVIDADES ECONÔMICAS

A solução da crise econômica depende em grande parte de que a política não contamine a economia. O tombo da inflação, contas externas cada vez melhores, reservas de US\$ 377 bilhões, o recorde do agronegócio, a retomada dos leilões de concessão contrabalançam em parte o quadro geral em que predomina o desemprego de 13,8

milhões, a recessão que já dura três anos e a deterioração das contas públicas.

A recente crise política influenciou negativamente o resultado do Índice de Confiança Empresarial (ICE). O indicador recuou 2,1 pontos em junho, para 83,9 pontos, atingindo o menor patamar desde fevereiro. A queda de junho interrompe uma sequência de cinco altas consecutivas do ICE. Caso esta tendência de queda da confiança não seja revertida, o mau humor se refletirá no dia a dia das empresas, levando, por exemplo, a revisões de contratações anteriormente planejadas ou postergações de investimentos, tornando ainda mais lenta a recuperação da economia.

PIB e Investimentos

O Brasil que os economistas viam no começo do ano não é mais o mesmo. Uma comparação entre previsões para 2017 divulgadas por bancos e consultorias em janeiro e fevereiro e as perspectivas mais recentes mostra que os desdobramentos da crise política devem cobrar caro da tímida recuperação do País.

O indicador de atividade econômica adotado pelo Banco Central cresceu 0,28% em abril, resultado considerado fraco e que sinaliza que o efeito positivo do agronegócio sobre a economia ficou para trás e o segundo trimestre pode ser negativo.

A CNI reduziu suas projeções para a economia brasileira em 2017 e alertou para o atraso no encaminhamento das reformas, reduzindo a projeção de alta do PIB de 0,5% para 0,3%.

O prolongamento da crise política levou a equipe econômica a reduzir, também, a previsão de recuperação do PIB em 2017. Em projeções recentes, ministros e auxiliares do Governo revisaram a

estimativa de crescimento de 0,5% para 0,4%.

Indústria

O crescimento de 0,8% da produção industrial em maio, na comparação com abril, reforçou a expectativa de uma recuperação gradual para o setor. No acumulado dos cinco primeiros meses de 2017, o resultado do setor está positivo, com alta de 0,5%.

No entanto, a queda de 2,8 pontos do Índice de Confiança da Indústria (ICI) entre maio e junho interrompeu a trajetória de volta à normalidade, reforçando as apostas de que o momento de retomada ainda não chegou.

A Gerdau tem nos EUA sua maior arma contra a crise. Os mercados brasileiro e americano são os principais para a Gerdau e vão permanecer no centro da estratégia de otimização de ativos do Grupo. A expectativa é de crescimento de 3% no mercado americano de aço neste ano, mesmo com um PIB previsto de 2,1%.

Comércio

Em maio, houve um crescimento de 2,44% nas vendas do varejo, comparado com o mesmo mês de 2016, mas registrou-se uma queda de 0,1% em relação a abril.

De acordo com a Pesquisa Mensal de Comércio, em maio, o volume de vendas dos dez segmentos que integram o comércio varejista avançou 4,5% em relação ao mesmo mês do ano passado. Esse foi o melhor resultado dos últimos vinte e cinco meses.

As vendas dos **shoppings centers** tiveram alta de 4,6% em maio em relação ao mesmo mês do ano passado. Nos primeiros cinco meses

deste ano, os negócios registraram avanço de 4,5%.

De acordo com a CNC, os saques do FGTS ajudaram no resultado das vendas. Do total de R\$ 16,6 bilhões sacados das contas inativas do FGTS em março e abril, 43% (ou R\$ 7,2 bilhões) foram destinados ao consumo no varejo.

Em maio, o volume de receitas no setor de **serviços** se manteve praticamente estável (+0,1%), na comparação com o mês imediatamente anterior. Apesar dos resultados positivos de maio e abril (+1,0%), essas variações não repõem a perda de 2,6% registrada em março, quando o setor registrou a maior queda em comparativos mensais.

Atingido pelas incertezas lançadas no cenário político-econômico, o Índice de Confiança do Empresário do Comércio (Icec), apurado pela CNC, ficou estável na passagem de maio para junho (+0,0%), atingindo 102 pontos.

Agricultura

Com a ajuda da safra recorde e melhora nos preços das commodities (como minério de ferro e petróleo), a balança comercial brasileira encerrou o primeiro semestre com saldo positivo de US\$ 36,219 bilhões, o melhor resultado para o período desde o início da série histórica, em 1989. No primeiro semestre do ano passado, havia ficado em US\$ 23,651 bilhões.

Com esse resultado, o Governo aumentou a previsão de superávit deste ano de US\$ 55 bilhões para US\$ 60 bilhões.

Segundo a ONU e a OCDE, o crescimento da demanda global por commodities agrícolas vai diminuir consideravelmente nos próximos 10 anos comparado à década passada, o comércio internacional vai avançar menos e os preços da maioria dos produtos agrícolas e pescados devem manter ligeira

tendência de baixa. Isso sinaliza redução dos ganhos do setor no Brasil, em relação aos últimos anos.

A 5ª estimativa de 2017 para a safra nacional de cereais, leguminosas e oleaginosas totalizou 238.6 milhões de toneladas, 29,2% superior à obtida em 2016 (184.7 milhões de toneladas). A estimativa da área a ser colhida é de 60.9 milhões de hectares, apresentando acréscimo de 6,7% frente à área colhida em 2016 (57.1 milhões de hectares).

O Banco do Brasil entrou na safra 2017/18 apostando no aumento da tomada de recursos captados com as Letras de Crédito do Agronegócio (LCA) para melhorar o seu desempenho nos desembolsos de crédito rural, que recuaram quase 20% na safra passada, em comparação ao ciclo anterior.

Mercado de Trabalho

Após mais de dois anos em deterioração contínua, o mercado de trabalho dá sinais de estabilização, com redução do ritmo de queda da população empregada e aumento da renda – mas a recuperação será lenta, com queda na qualidade dos empregos gerados. No período de três meses encerrado em maio, o desemprego atingiu 13,8 milhões de pessoas, ou 13,3% da força de trabalho.

Pela terceira vez no ano e pelo segundo mês consecutivo, cresceu o número de empregados com carteira assinada. Foram criadas, em maio, 34.253 novas oportunidades, tendo sido o melhor resultado para o mês desde 2014.

A aprovação da reforma trabalhista no Senado Federal foi uma vitória para o setor produtivo brasileiro e os trabalhadores, que há anos tentam mudar as leis nacionais. Para o mercado, a reforma é o início da modernização

que trará maior competitividade às empresas nacionais.

Sistema Financeiro

O número de consumidores inadimplentes chegou a 61 milhões, em maio. Trata-se do maior número da série histórica desde 2012. Somente no mês de maio, cerca de 900 mil consumidores ingressaram no cadastro de inadimplência.

O setor de fundos de investimentos atraiu R\$ 113,6 bilhões no primeiro semestre, a maior captação líquida para o período desde 2002. Na comparação com janeiro a junho do ano passado, houve um incremento de 156%. O segmento chegou ao fim do semestre com um patrimônio de R\$ 3,8 trilhões, e a seguir nesse ritmo pode encerrar 2017 com cerca de R\$ 4 trilhões.

Com a liberação dos recursos das contas inativas FGTS e um cenário econômico melhor, o brasileiro voltou a economizar. Em junho, a caderneta de poupança teve uma captação líquida de R\$ 6,1 bilhões – o maior resultado para o mês de junho em quatro anos.

Inflação

Os preços da maior parte das principais commodities agrícolas exportadas pelo Brasil voltaram a recuar em junho nas principais bolsas americanas. Açúcar e café registram a quinta queda consecutiva e descem aos menores patamares desde fevereiro.

O Conselho Monetário Nacional anunciou que a meta central de inflação será de 4,25% em 2019 e de 4% em 2020. A decisão significa a primeira redução na meta central de inflação desde 2005. De lá para cá, a meta, perseguida pelo Banco Central permaneceu em 4,5% e vai vigorar até 2018.

Depois de 11 anos, o Brasil voltou a registrar deflação. O IPCA de junho ficou negativo em 0,23%. Com o resultado, o mercado avalia que cresceu o espaço para a queda nos juros – há agora uma expectativa maior de que o Copom corte em 1 ponto porcentual a taxa a Selic, na reunião de julho, em vez do 0,75 ponto que era a aposta majoritária anterior.

Setor Público

Os primeiros 12 meses do Governo Temer caminharam em marcha lenta, como não poderia deixar de ser, devido à profundidade da recessão econômica de 2014/16 e à gravidade do desequilíbrio fiscal, que resultaram na preocupante taxa de desemprego da mão de obra e ociosidade da capacidade empresarial.

O Governo Central (composto por Tesouro Nacional, Previdência Social e Banco Central) registrou um resultado negativo recorde e bem pior do que o mercado esperava para o mês de maio. O pagamento antecipado de R\$ 10 bilhões em precatórios relativos a despesas de pessoal e de Previdência, que não foi sinalizado previamente pelo Tesouro, foi determinante para o surpreendente déficit de R\$ 29,37 bilhões no mês passado. No acumulado do ano, o saldo negativo é de R\$ 34,98 bilhões, outro recorde histórico.

O teto dos gastos enfrenta a sua primeira prova de fogo no ano que vem. Pela regra, a despesa da União poderá crescer pouco mais de 3%. No entanto, a previsão é que as despesas obrigatórias com INSS, aposentadorias de servidores federais e benefícios a idosos e pessoas com deficiência crescerão mais que o dobro desse valor permitido: 8%.

A arrecadação de impostos em junho reagiu e gerou alívio na área econômica do Governo, que se esforça para desbloquear despesas programadas

e evitar que mais serviços públicos sejam paralisados. A arrecadação de impostos federais subiu 2,6% em junho ante o mesmo mês do ano passado, já descontada a inflação. Foi a primeira alta na comparação anual observada desde novembro de 2014.

Setor Externo

No acumulado janeiro-junho de 2017, as exportações apresentaram valor de US\$ 107,714 bilhões. Sobre 2016, as exportações registraram crescimento de 19,3%. As importações somaram US\$ 71,495 bilhões, acima 7,3%, pela média diária, sobre o mesmo período anterior.

As empresas brasileiras, após enfrentarem um período de forte restrição de crédito, retornaram ao mercado internacional com mais força neste ano. O volume de bônus emitido pelas companhias brasileiras alcançou US\$ 16,7 bilhões no primeiro semestre, alta de 50,5% na comparação anual.

A União Europeia (UE) e o Japão aceleraram as negociações para anunciar um acordo de livre comércio entre duas das maiores economias do mundo.